

UM NEGROGAY LANÇADO NO SERTÃO BAIANO: reflexões sobre a família e o existencialismo

ANTONIO JOSÉ DE SOUZA¹ 

RESUMO: O presente texto é produto de um projeto de pesquisa que se debruçou sobre a identidade negra e gay na relação intrínseca entre o eu-outro situados em um contexto conflagrado no qual se exige do negrogay tomar consciência 'de si'. Negrogay, escrito na forma de um único termo, porque é unificado por experiências estigmatizantes que se assemelham. O objetivo, deste estudo, é entender como as construções das identidades negrogays emergiram da história de vida de Rubião Bovary, engendrada no relacionamento e na intimidade da família. Entre outros resultados há a família confrontada em seu papel imprescindível na construção das identidades; o ser-negro negado como parte de uma realidade imaginária criada a partir do desejo de ser um 'outro' próximo do ser-branco em autodefesa diante da situação marcada pela estigmatização pública do seu ser-gay.

Palavras-chave: Identidades negrogays, Família, Existencialismo, Pesquisa (Auto)Biográfica.

1 - Teólogo/Historiador. Doutor em Família na Sociedade Contemporânea pela Universidade Católica do Salvador (UCSal) – com período sanduíche na École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS/Paris). Mestre em Educação e Diversidade pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB/Campus IV). Especialista em Desenvolvimento Sustentável no Semiárido com Ênfase em Recursos Hídricos pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano (IFBaiano/Campus Senhor do Bonfim). Professor da Educação Básica do município de Itiúba/BA. Integrante do Laboratório de Políticas Públicas, Ruralidades e Desenvolvimento Territorial (LaPPRuDes/IFBaiano), da Associação Brasileira de Pesquisadores(as) Negros(as) (ABPN) e foi Pesquisador-bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB) entre 2019-2022. E-mail: tonnysouza@gmail.com.

A blackgay released in the territory of Bahia: reflections on the family and existentialism

ABSTRACT

The present text is the product of a research project that focused on the black and gay identity in the intrinsic relationship between the self-other situated in a conflagrated context in which the blackgay is required to become aware 'of himself'. Blackgay, written in the form of a single term, because it is unified by similar stigmatizing experiences. The objective of this study is to understand how the constructions of blackgay identities emerged from Rubião Bovary life story, engendered in the relationship and intimacy of the family. Among other results, there is the family confronted in its essential role in the construction of identities; the self-black being denied as part of an imaginary reality created from the desire to be an 'other' close to the white being in self-white in the face of the situation marked by the public stigmatization of his self-gay.

Keywords

Identities blackgays, Family, Existentialism, Auto(biographical) research.

Explicações prefaciais: conceitos, objetivos e o método

“[...] antecipo que na tese eu argumento sobre a problemática do ‘ser negro’ e do ‘ser gay’, considerando-os a partir da ‘problemática do bastardo’ [...]”
(SOUZA, 2022a, p. 155, grifos do autor)

A epígrafe lança luz para as identidades negra-e-gay e, conseqüentemente, para a relação intrínseca entre o eu-outro situados em um contexto conflagrado no qual se exige do *negrogay* tomar consciência ‘de *sz*’. Sim, *negrogay* escrito na forma de um único termo, porque é unificado por experiências estigmatizantes oriundas do processo de racialização das relações sociais que, quando imbricado com a homofobia, reproduz na contemporaneidade o passado violento de um Brasil ávido por construir o ideário do “homem de verdade”. Dito isso, este trabalho é parte da minha Tese de Doutorado, vinculada ao Programa de Pós-graduação em Família na Sociedade Contemporânea (PPGFSC) da Universidade Católica do Salvador (UCSAL), sob a orientação da Professora Dr^a. Elaine Pedreira Rabinovich, inclusive, desde os primórdios do projeto de pesquisa que foi aprovado pelo CEP/UCSAL/CAAE n^o.: 37297620.1.0000.5628, tendo como objetivo: compreender como as construções das identidades *negrogays*, de três professores da educação básica do Estado da Bahia, emergiam das suas histórias de vida engendradas na intimidade das famílias inter-raciais e heterossexuais e suas reverberações no cotidiano da profissão docente; *i*) identificando, nas histórias de vida dos professores, os eventos/fatos marcantes no processo da construção ‘de *sz*’ *negrogay* a fim de trazer à tona o que esses eventos/fatos fizeram e o que foi feito com suas repercussões; *ii*) analisando a influência da relação familiar no processo da construção ‘de *sz*’ *negrogay* com o propósito de fazer irromper os fenômenos que regem os relacionamentos íntimos; *iii*) verificando como esses eventos/fatos, vivenciados pelos professores *negrogays*, reverberam no cotidiano ‘de *sz*’ na profissão docente.

No âmbito do projeto de pesquisa, a hipótese de partida considerou os intercâmbios familiares enquanto influenciadores do processo da construção ‘de *sz*’ *negrogay* no sentido da emancipação (ser) ou da interdição (não ser), posto que o *negrogay* passa por uma relação persecutória entre a subjetividade e o corpo, compondo as vicissitudes ‘de *sz*’ *negrogay*; o *negrogay*, na intimidade da família inter-racial e heterossexual, não tem inicialmente identidades positivas as quais possa afirmar, tratam-se de identidades rechaçadas sob o ponto de vista do ‘outro’, contudo, o esforço dialético do ‘eu’ e do ‘outro’ é parte do processo da construção ‘de *sz*’ *negrogay*.

Note-se que o estudo se desenvolveu no terreno da Pesquisa Qualitativa, através da metodologia (Auto)Biográfica e do instrumento Entrevista Narrativa, acessando as histórias de vida que foram sistematizadas pela técnica dos Núcleos de Significação e analisadas segundo os princípios da Psicanálise Existencial do filósofo Jean-Paul Sartre. Trata-se de um estudo que foi atravessado pelos princípios da Fenomenologia-Hermenêutica, tomando como texto-base a história de vida de um dos três professores

partícipes da pesquisa, Rubião Bovary, que surgiu como protagonista e objeto de análise devido à complexidade do relato memorialístico e de suas inúmeras e cruzadas imbricações.

Desse modo, apresentarei algumas passagens de R. Bovary na infância e adolescência, vivendo dilemas e processos de negação das suas alteridades, enfocando nas questões referentes, principalmente, à homossexualidade. Nessa fase, R. Bovary coloca o seu ser-gay, como ele disse: “[...] dentro de um ‘buraco’ [...]. A homossexualidade foi para o ‘buraco’, tampada no escuro [...]”. A conflagração interna é tão exacerbada que R. Bovary é percebido como uma pessoa “doente” pela família, razão pela qual o levam até à velha Rezadeira do sertão a fim de obter a “cura” através dos poderes das ervas, plantas e rezas. Dito isso, o objetivo, aqui, é entender como as construções das identidades negrogay emergiram da história de vida desse personagem, engendrada no relacionamento e na intimidade da sua família.

Quem é Rubião Bovary? Um negrogay em conflito

“Ser o último filho de uma família transpassada por questões raciais, exercidas por forças quer sejam inflexíveis ou sutis, porém, sempre tensas, fez Bovary se conhecer interseccionado, também, pela feminilidade (da mãe e da irmã) e a masculinidade (do pai e do irmão).”
(SOUZA; RABINOVICH, 2021b, p. 351)

Rubião Bovary* quando “caído” no meio de uma família inter-racial e heterossexual, percebe-se, ainda na infância, defrontado, como ele mesmo narrou, por “[...] muitos problemas com relação à questão de aceitação.”. Pai escuro, mãe clara, três filhos pardos – uma menina e dois meninos; R. Bovary é o mais novo dos filhos. Portanto, uma família comum do sertão baiano.

A complexidade da subjetividade de R. Bovary é a mesma identificada na sua história de vida que é parte de uma construção histórica e social ainda mais complexa, responsável – entre outras coisas – por forjar o híbrido negrogay nas muitas lógicas de não-existências e formas

* Nome fictício a fim de proteger o real. Tal alcunha é inspirada em duas importantes personagens: Pedro Rubião, o protagonista ironizado por Machado de Assis (1994) no livro *Quincas Borba*; e na senhora francesa de Gustave Flaubert (2007), a *Madame Bovary*. Comum aos personagens: a ambição de tornar-se uma ‘outra’ pessoa, através do processo de (auto)negação. Esse fenômeno é chamado de bovarismo.

de excrescências que igualam o negro ao gay. Como resultado disso, os ‘eus’ de R. Bovary estão em interação contrastante e situacional, dado que emergem de um contexto de relações e experiências socioafetivas no meio dos ‘outros’ – no qual se sente, por exemplo, o peso da melanina (FANON, 2008; IRIART; BASTOS, 2014; MUNANGA, 2003; SALGADO *et al.*, 2007).

[...] eu não queria ser negro, porque negro era pequeno na sociedade [...]. Como eu já era

Um negrogay lançado no sertão baiano: reflexões sobre a família ...

rotulado como homossexual, o gayzinho da rua da escola, o viadinho [...] era apelidado por minha sexualidade. [...] eu não gostava, eu não queria que isso fosse de fato verdade. E eu não queria que as pessoas me chamassem desses apelidos, então eu criei um personagem. Comecei a querer ser o que eu não era como uma forma de defesa. Então, eles vão me olhar como uma pessoa de padrão social elevado. [...] Se alguém pensasse em me chamar de viadinho, veria: olha quem ele é? [...] A negação do negro era uma defesa, por não querer ser visto como pobre. [...] não vou dizer que sou negro, sou moreno claro, mas tenho padrões. (BOVARY, R.)

R. Bovary conta que, entre os cinco e seis anos de idade, quando falavam, associando sua cor de pele à tez enegrecida do pai, sentia-se incomodado, angustiado – sensações nunca proferidas, apenas sentidas na sua vida interior. Era, manifestou ele: “[...] uma certa rejeição [...] eu fui crescendo e essa questão foi crescendo também [...] não vou mentir: eu não me aceitava [...] não aceitava ser negro [...] até aceitava ser chamado de moreninho, de claro.”. À vista disso, parafraseando Du Bois (1998), R. Bovary sente uma duplicidade – ser-branco, ser-negro – duas almas, duas compreensões, dois embates, dois ideais conflitantes em um corpo mestiço bifurcado, amalgamando sua dualidade no ser moreno-claro, sem deixar de ser pessoa racializada* em pressupostos hierarquizantes que superabundam os valores da branquitude em detrimento da negritude.

Observa-se, na história de vida de R. Bovary, a incapacidade de se reconhecer negro. Ele não queria ser negro, porque considerava tal existência menor na sociedade, ademais, como era rotulado de gay, criara uma compreensão ‘de-sz’ pela negação do ser-negro e, conseqüentemente, do ser-gay. Sendo assim: “O ser negro era rejeitado e negado como parte de uma realidade paralela criada a partir do desejo de ser um outro, defendendo-se de um contexto já marcado pela estigmatização do ser gay.” – concluíram Souza e Rabinovich (2021a, p. 185, tradução nossa**).

Todavia, há nele um comportamento fóbico, porque diante do objeto originador da fobia, ele (R. Bovary) esquivava-se, evita-o sob a égide do temor e da aversão. No plano familiar, R. Bovary recusa ter contato com indivíduos-familiares que não faziam parte da sua família nuclear – constituída por um casal heterossexual (os pais, cônjuges casados) e os três filhos naturais (a irmã, o irmão e ele). Os componentes da fobia latente de R. Bovary eram parentes pobres (negros por associação) que se estendiam para além da família-núcleo (avós, avôs, tias, tios e os primos) e viviam proximamente à família de modo extensivo, formando a família extensa (DONATI, 2008; FANON, 2008; FLEXOR, 2015). Contou-me ele:

* Neste trabalho, o termo racialização é usado a partir do estudo sociológico de Octavio Ianni (1996, p. 2), portanto, como um processo de racialização das relações sociais, “[...] realidades sociais às vezes extremamente complexas e inextricáveis, produzidas ao longo de migrações, escravismos e outras formas de trabalho forçado, convívios pacíficos, conflitos inesperados, progrons, genocídios, revoluções, guerras.”.

** “L'être noir a été rejeté et nié comme faisant partie d'une réalité parallèle créée à partir du désir d'être un autre, se défendant d'un contexte déjà marqué par la stigmatisation de l'être gay.”.

Quando visitávamos os meus avós [...] que moravam na fazenda, no caminho [...] via aquelas casinhas pobres e eu dizia: ‘eu não quero ser dessa origem não!’ [risos] Enquanto criança, eu

dizia: ‘não quero ser dessa classe não!’ E isso foi mexendo comigo e eu fui isolando essas pessoas, esses parentes. E quando eu chegava na fazenda dos meus avós, eu não queria contato com as crianças do lugar. Pra brincar, nunca! Pra mim era uma afronta. Então, eu queria tá perto de pessoas que se destacavam, economicamente e na raça. Eu queria ter contato com pessoas brancas. (BOVARY, R.)

No trecho acima, a fobia fica mais inequívoca na forma descritiva do social (casinhas pobres, da roça) e no biológico (pessoas não-brancas). Ao dizer: “[...] era uma afronta [...] eu queria tá perto de pessoas que se destacavam, economicamente e na raça, [...] queria ter contato com pessoas brancas [...]”, R. Bovary vai às últimas consequências, pois vê-se ultrajado por uma origem designada no corpo negro, pobre e sem notoriedade, atrapalhando o seu esquema “postural” de comportar-se enquanto branco, bem como o seu pretense projeto de ‘tornar-se’ branco (FANON, 2008).

O eu-criança de R. Bovary enfrentava sentimentos de ordem antagônica. Nessa movimentação de significação (ser e não ser), acabava por inventar um-ser em detrimento do real que, por ser-negro-mestiço, é rejeitado e negado. A percepção da sua cor de pele clara funciona como o acesso ao *status* diferenciado e privilegiado em uma hierarquia cromática. Portador de uma-cor-quase-branca, comportar-se como tal, enquanto imagina-se em uma brancura plena. Nesse sentido, a parentela mais pobre, mais escura, mais distante dos louros, ruivos e dos amorenados – que, de algum modo, avizinhavam-se da estética helênica reguladora do que-deve-quem-deve figurar os produtos da mídia – eram opositores ao seu ideal branco ou a indulgente aproximação ao branco: a execução das duas opções passa pelo rechaço ao ser-negro (D’ADESKY, 2009).

Como foi dito anteriormente, R. Bovary desenvolveu procedimentos fóbicos ao ser-negro, porque já enfrentava a estigmatização por ser ‘desacreditado’, isto é, condição do estigmatizado em que a sua diferenciação é conhecida ou exposta de imediato; refiro-me à sua homossexualidade. Então, como proteção, evita tornar-se também um ‘desacreditável’, quer dizer: aquele estigmatizado que não tem sua característica distintiva conhecida e nem identificada de pronto pelos ‘outros’, mas é um forte candidato à exposição e ao escarnecimento (o caso do negro-mestiço). Essa dupla perspectiva pode fundir-se nas chamadas ‘execrações do corpo’ que constituem as vivências do indivíduo negrogay estigmatizado (GOFFMAN, 1975).

Nesse viés, R. Bovary convivera com a violência pelo “[...] olhar do outro, que o surpreendeu, penetrou, transformou para sempre em objeto.” (SARTRE, 2002, p. 89). R. Bovary tem um eu-outro ligado ao mundo pelo corpo que, no espelhamento, forma a autoimagem composta por pedaços, gestos, movimentos de liberdade do corpo do ‘outro’. É um corpo-mais-do-que-corpo, pois é um projeto para fora... a consciência nunca deixa de ter um corpo existindo na facticidade, responsável por, às vezes, levá-la à ‘náusea’ de-ser-e-não-ser pelo ‘olhar’ do ‘outro’ que, quando de fora para dentro, significa um julgamento: “você é diferente das outras crianças”. Todos os seus atos *a posteriori* serão símbolos desse projeto inicial (BRIGHENTI, 2006; SARTRE, 1997).

Ele vive o conflito entre a masculinidade e a feminilidade, expressado no embate que pretende conter o imaginário feminino, impedindo-o de ganhar corpo e visibilidade, implicando no constrangimento de ser flagrado pelo ‘outro’. Trata-se de uma conflagração na vida interna de R. Bovary com manifestações díspares: o desejo, o gozo, o incômodo, a vergonha, o silêncio e o medo; desembocando em crises emocionais severas, inclusive, na infância. Enquanto isso, a imposição do modelo de masculinidade, representado pelas figuras do pai e irmão mais velho, ocasiona uma incompatibilidade e afastamento físico-emocional entre pai-filho e irmão-irmão.

A criança de R. Bovary vivia sempre entre os meninos, misturado às brincadeiras típicas da infância no interior do sertão baiano. Enquanto brincava de futebol, carrinho ou boneco – artefatos que a cultura convencionou como ‘coisas de menino’ – na imaginação, os bonecos, por exemplo, eram bonecas ‘coisas de menina’, porque na mente ele sempre era ‘uma menina’. Por conseguinte, na relação estabelecida com o mundo, o imaginado não poderia ser demonstrando para os colegas, era algo vivido, declara R. Bovary: “[...] dentro da minha imaginação [...] centralizado na minha mente. Pra não exteriorizar isso [...]”. Tratava-se de um ‘espontâneo-coagido’ e uma ‘opção-antítese’; afinal, foi tomada pela sugestão dos ‘outros’: “Sim, *decida-se!*”. A criança de R. Bovary, ante o constrangimento de decidir sobre-*si*-mesma, acabou por fazê-la de maneira prematura: ausente-de-*si*-mesma (BRIGHENTI, 2006; SARTRE, 1997, 2002).

Ele aprendeu o nome na rua. A rua criou a designação para o que ele sentia e, a reboque, deram-lhe o complexo de inferioridade, isto é, a projeção adulterada ‘de *si*’ no mundo em presença dos ‘outros’. E ao dizerem: “você não é como os ‘outros’, porque você é *viadinho*”, R. Bovary descortina sua singularidade em perplexidade e angústia. Um “bicho” é criado da disfunção relacional entre ele e o contexto, sem dúvida, uma mazela coletiva com ‘precedente histórico’. R. Bovary é introduzido no estranhamento inadmissível. Invadiram o seu lugar da ficção, “conquistaram” o seu território de-*si*-em-*si* e fizeram-lhe um estranho em condição análoga ao colonizado. Assenhoram-se dele e levam para dentro do seu silêncio o barulho de fora e dos lugares-além-de-*si* (BRIGHENTI, 2006; SARTRE, 1997, 2002).

Com o tempo, os ‘outros’ (os coleguinhas) passaram a perceber o comportamento “direcionado” para o sentido feminino. Mas R. Bovary empenhava-se em ser homem-menino-hétero “normal”: “[...] quando eu percebia que eles estavam observando eu voltava ao ‘normal’ [...] entendeu? [...] eu voltava ao ‘estado normal’.” (grifos nossos). Em hipótese alguma o “alarme” poderia começar a tocar, trombeteando o confidencial oriundo da imaginação e desprovido de realidade objetiva consciente. Não obstante, o menino que queria ser visto como garoto-hétero-sem-nenhum-desvio-homossexual seria despertado da quimera sonambular e toda “aldeia” saberia dele ainda que ele não tivesse alcançado o reconhecimento ‘de *si*’ como algo próximo à “intenção” nitidamente definida (SARTRE, 2002). E, assim, como que “de repente” e em total à revelia ‘de *si*’, deu-se algo forte na infância de R. Bovary, deixando-o com medo e vergonha da barulheira externa e interna:

Isso mexeu muito comigo. É, é [sutil constrangimento], garotos da zona rural têm a mania de brincar de pique-esconde e nessas brincadeiras de se esconder [visível constrangimento] é, é, geralmente, eram só com os meninos a brincadeira. Aí eu recebia muitas *encoxadas*, os meninos começavam a roçar as partes íntimas, principalmente na minha bunda. Isso foi mexendo comigo e foi criando um certo desejo estranho de curiosidade, sei lá! Me dava satisfação, mas me incomodava. [ANTONIO: Com que idade?] Com sete, oito... ôh, dos seis anos em diante que eu tenho essa percepção melhor. Antes disso eu não lembro. Eu sei de relatos dos familiares que eu era uma criança meiga, tímida, frágil. (BOVARY, R.)

O que parece ter acontecido de improviso ou dentro de um instante, aconteceu de modo persistente e difusivo. Na escola, nas brincadeiras, ouvia-se o deteriorante: “olha o *viadinho!*”. Na ausência dos adultos, em casa ou na rua e, também na hora das brincadeiras, determinados garotos (re)encontravam a oportunidade para expor, de acordo com R. Bovary, “[...] o órgão genital alterado, [...] eles roçavam só que eu recuava, mas era um recuo de vergonha [...] na minha mente eu queria [...] me envergonhava e eu recuava, eu dava um empurrão e saía correndo.”. Os primos e amigos (os garotos) apresentavam uma intensão óbvia e definida: despir-se das roupas, fazendo-o, igualmente, desnudar-se para si e para eles. Aqueles eram os instantes de ‘despertamento’: o menino R. Bovary, “abre” os olhos e vê que está sendo dominado por eles (os garotos). Revelam-lhe sua fragilidade, o seu medo; ceder a tudo o que eles queriam é consequência.

Eles mandavam tirar a roupa, o menino tirava. Eles tentavam penetrar, mas ficavam na fricção. O menino admite o prazer, ele ‘*é viadinho*’. Autoriza a culpa, afinal, gostou, *é um viadinho*. Algo inequívoco. R. Bovary elucubra o seu ato, revolve-o por todos os lados. Não há hesitação, ele *é viadinho*. E ser *viadinho* é um ultraje, uma transgressão. O que ele *queria* era ser garoto-hétero-sem-nenhum-desvio-homossexual. O que ele *fazia* era ser *viadinho*; o que ele *era*... um *viadinho*. Ainda assim, uma voz introvertida protesta nele, pois não *assume* sua intenção de imediato. A voz emudece. O ato é tão estridente a ponto de impossibilitar um autoengano ‘de *s’* (redundância proposital). Tentar voltar atrás é impraticável, R. Bovary não consegue – ele *é viadinho*, fato explícito! Até um dado momento, refugiava-se, de quando em vez, na intimidade recôndita, tácita e licenciosa do ‘seu quarto’ para depois tudo se tornar objetividade irrefutável: ele *é viadinho* (SARTRE, 2002).

Antes dessa situação-golpe, que desencadeou em específicas escolhas (e não outras) no curso da sua apropriação do mundo, R. Bovary reconhecia e sentia sua preferência pelo feminino; embora não soubesse dar nome ao que sentia. Estava em processo de descobrir tal singularidade, mas não lhe foi dada a oportunidade de fazê-lo sem grandes danos. R. Bovary, seguramente, o teria feito; descobriria como nomear-se enquanto brincava sozinho, diante de um evento banal ou de um pensamento breve. Assim, o que era nada, em sentido ‘para *s’*’, começaria a ganhar forma pela consciência reflexiva: sentindo-se diferente do ‘outro’ e sabendo que o ‘outro’ parece com ele, porque o ‘outro’ também se sente diferente dele. Se tivesse acontecido dessa maneira, R. Bovary teria encontrado relações de reciprocidade e não uma alteridade ‘de *s’*’ rechaçada de qualquer reciprocidade – ‘em *s’*’ uma distinção maldita (SARTRE, 2002).

Eu percebia que eu gostava muito de roupas femininas. Eu amava, gostava, adorava ver minha mãe se produzindo, se arrumando. Ah, era um encanto, era como se eu estivesse me arrumando no lugar dela. Quando ela colocava aquelas peças, acessórios. Ela era uma pessoa vaidosa e eu ficava encantado quando ela saía toda produzida. E ela fazia questão, também, de quando ia se produzir ela me chamava e perguntava: tô bonita? Tô elegante? O que você acha dessa roupa, desse colar? E eu já dava aquelas pinceladas, toques, tá lindo isso, lindo aquilo. Adorava ver minha irmã se produzindo no quarto. Ver as roupas dela, os sapatos dela e eu já começava a sonhar como se eu estivesse me produzindo para uma festa. E tenho a lembrança das pessoas que cuidavam de mim quando criança, as babás e algumas tias e primas elas relatavam que eu gostava muito de sapatos de mulher. Quando eu chegava em casa pequeninho eu ia logo procurar os sapatos da minha mãe, calçava e saí andado, principalmente de salto alto. É uma lembrança a partir do que me contaram. (BOVARY, R.)

R. Bovary, na infância, foi objeto do julgamento, maldizeres e abusos de ‘outras’ crianças: “[...] fui alvo de tentativas e abusos [...] nessas situações eu tinha medo de sair e alguém na rua ter percebido algo. Ter olhado pela brecha de uma janela, de uma parede, né? E eu ficava assustado, bastante assustado com essas situações.”. R. Bovary conta que ‘essas situações’ seguiam um *modus operandi*: chamá-lo para brincar, afastado da vigilância de qualquer adulto, ser apanhado no êxito da “armadilha”, fazê-lo de “brinquedo” e estímulo sexual daqueles meninos abrasados pela puberdade que explicava, em certa medida, a autocombustão lasciva revertida à R. Bovary, tornado, como ele mesmo declara: “[...] uma cobaia, utilizada por eles para a descoberta do sexo [...]”.

A criança de R. Bovary foi “engaiolada” na crise original ‘de *sz*’, submersa na conflagração interna de um corpo sexualizado e violado. Prematuramente, viu-se catapultada para o lugar do medo, aquele desembocado no mundo objetivo em forma de crises emocionais austeras, pois havia ultrapassado a extenuante negociação entre a masculinidade pretendida e a feminilidade combatida. O imaginário, contemplado na sonoridade complexa de vozes ruidosamente dramáticas e “distanciadas” de uma vida sendo vivida, havia tomado corpo. Confusão à parte, ele não tinha completa exatidão do seu “deserto”. Fazia dele o seu caminho árido, ressequido e sobressaltado, tal qual um “bicho” agreste e nômade, seguindo veredas quentes na absoluta insciência das coisas que estavam por vir. Seria ele um ser-sem-futuro?

R. Bovary crescia com medo de decepcionar mais uma vez. Os seus colegas já estavam namorando. Ele se sentia impedido. “Por que R. Bovary não namora?”, confrontavam-no capciosamente. Ele, diante da intimidação, começou a namorar. Não por uma vontade, mas como um subterfúgio. Precisava manter-se à altura das expectativas sobre ele pretendidas. Odiava-se por sua completa inaptidão em reproduzir o bê-á-bá da masculinidade pujante e vigorosa do pai e tão vicejante nos modos, conforme a norma paterna, do irmão – o primogênito gerado, fecundado pelo pai. Ele sentia-se, na sua “anormalidade”, fertilizado no sêmen feminino, deixado no receptáculo da mãe e, ali, cresceu consumido na negridão primitiva do ventre maternal. Nasceu sem pai, embora o tivesse soberano e senhor designativo no pequeno reino que era a sua casa (ROUDINESCO, 2003).

No entanto, sentia-se valer menos que a potência viril do pai; menos que o irmão-filho-homem-do-pai. Ora, o irmão era o descendente natural ao posto de futuro homem-da-casa, aquele que jogava futebol e ficava em grupos de outros filhos-homens em bate-papo-testosterona sobre mulheres e esportes. Disse-me R. Bovary: “[...] eu e meu irmão não tínhamos muita proximidade. O meu pai não tinha momentos comigo. Já com meu irmão tinha. Até hoje ele tem uma aproximação maior com meu irmão do que comigo. Eu sou mais afastado.”. Ainda que R. Bovary estivesse entre eles e com eles (pai-e-irmão), sentia-se tal “[...] um peixe fora d’água. Estava com eles, mas me sentia diferente. Toda minha convivência de criança era com minha irmã, ela é minha referência de infância [...], eu sonhava através dela, do comportamento dela.”. Para R. Bovary, o Rei-pai e o sucessor, a Alteza-irmão, eram potestades decapitadas. Na sua “revolução” interior “[...] a influência do feminino ameaçava [...] a cabeça do rei, a alma do monarca, a soberania do reino.” (ROUDINESCO, 2003, p. 33).

R. Bovary também foi guilhotinado no seu calvário de fingimentos. Ferido na sua masculinidade hereditária. Humilhado nos seus maneirismos e afetações. Esteve só, atormentado e inteiramente só; suportando, ainda na infância, a turbulência de se sentir mal no próprio corpo (DANIEL-ANGE, 1995). Ele queria ser parte de alguma coisa, na qual não se achasse a fonte de torpor, adequando-se à situação. Ninguém mais deveria conhecer o seu estado, dependia disto o seu presente e futuro. Exigiu-se escolher, obrigado pela situação, a relacionar-se com meninas. Tinha medo dos falatórios maledicentes – de uma outra exposição. Ele crescia agindo por medo. Medo de avançar sendo no mundo um corpo que lhe é estranho. Um corpo tão antinatural e desterrado da História. R. Bovary atravessa a primeira quadra da sua história de vida sob pressão apavorante de ser uma ‘outra’ pessoa.

A questão desesperadora de R. Bovary é: ser-um-outro-que-não-é-gay. Não ser-negro é uma consequência, uma antecipação ao julgamento desfavorável do ‘outro’. Quer dizer, um complexo de inferioridade, a projeção ‘de *sz*’ (para-si) no mundo, em presença do ‘outro’. Ou seja, o ser-gay tem a voz mais alta... *gaynegro*. É a causa do conflito, da agonia, da crise, do comportamento fracassado e das posteriores medicalizações e tentativas de suicídio (no início da vida adulta).

R. Bovary chegou à adolescência como se abrisse uma porta para lugar algum. Não saíra ‘de *sz*’. O medo de ser visto na imagem do-que-não-queria-ser; o medo de ter, outra vez, a imagem do não-ser exposta, converteu-o em retraído, quiçá um misantropo – não pela propensão à solidão, mas por advertida precaução. Ele antevia os afeitos da selvageria direcionada a quem (sobre)vive no “subsolo” da existência – ele próprio. Daí, R. Bovary achou melhor não frequentar a escola e nem conviver com pessoas desacostumadas com a civilidade, a razão e o humanismo.

O adolescente R. Bovary volta a ser uma criança desorganizada, andando sozinha no “subsolo” ruidoso. Não tão sozinha porque havia, ali, abundância de ‘eus’ ocupando o cenário da sua mente. Os personagens, de características conflitantes e vozes independentes, permaneciam em polifônica convivência;

a exemplo de uma música em multiplicidade de sons simultâneos ou na linguística de Bakhtin (2010) com inserções de outras narrativas dentro de uma narração já existente. O “subsolo” de R. Bovary era o seu lugar secreto, o esboço de uma satisfação imaginada, a “fissura” que o transplantava do mundo com as ‘outras’ pessoas para o mundo consigo mesmo e suas ‘outras’ pessoas: uma transferência intencional da vida insuportável para a vida inexistente. Seja lá-ou-cá, ele vivia em confuso cruzamento de vozes moduladas no passado, reverberantes no presente; influenciando-o e, em definitivo, complementando-o, pois são vocalizações emergidas das relações. Mesmo excluído, ele estava em multidão. Ainda que ele tenha se “desviado” do mundo para criar o lugar das suas quimeras – ou melhor, o “subsolo” – os ruídos do mundo de fora se fazem escutar no interior de R. Bovary (DOSTOIÉVSKI, 2000; SARTRE, 2002).

[...] Aí eu fui numa psicóloga. Nessa psicóloga ela me convidou a ir ao psiquiatra. [...] comecei a tomar medicamento [...] eu tomei medicamentos fortíssimos. Eu comecei a não ter contato com ninguém. [...] Não teve resultado e as vozes foram aumentando e foi surgindo outros delírios até a fase de [pausa curta] adulta, né? [...] Remédios? Nossa senhora, todos dos tipos de remédios psiquiátricos eu tomava... tarja preta e outros. [...] Só que eu queria saber o que eu tinha. Aí o médico falou: “[...] é, no futuro, você pode desenvolver; futuramente você pode ser esquizofrênico, se você não cuidar. Você precisa tá tomando medicamentos pra melhorar e você começar a controlar sua mente. Aquilo que as pessoas viam como sendo manifestação de espírito, uma possessão; não era nada disso, porque você visualizava tudo só não conseguia controlar.” Ali era o quê? O desenvolvimento de uma esquizofrenia, né? Então, até hoje eu não consigo aceitar os medicamentos que me afetou bastante e influenciou os meus delírios homossexuais. Como eu não conseguia praticar, comecei a colocar aqui na mente, visualizando na mente: fazendo sexo, ou eu sendo mulher, sendo isso, sendo aquilo. Então, eu fui homossexual assumido e branco na minha mente, porque eu criava. (BOVARY, R.)

Sabendo o que eu sei de R. Bovary. Sabendo o que ele me deixou saber, pois todas as vezes em que estive debruçado sobre as transcrições da sua história de vida foi como se ele me levasse ao local no qual “[...] se acha o que se achar [...]”, disse Clarice Lispector (2009, p. 11). Assim, repito: por saber o que sei de R. Bovary, não tenho como acreditar no diagnóstico de esquizofrênico, afinal, o eu-narrador – o adulto que me contou do passado – e o eu-personagem – a voz do próprio passado – não perderam a noção da realidade e a capacidade do juízo crítico. A desorganização ou desorientação têm contato com a realidade objetiva. Ele não é esquizofrênico e nem histérico, porque a consciência dos sintomas afasta qualquer dessas possibilidades.

A satisfação pelo diagnóstico do “doente” está na satisfação de ter “explicado” o que Sartre chamou de “[...] estruturas genéticas dos delírios [...]” (1997, p. 685). Do meu ponto de vista, não houve o interesse na compreensão do conteúdo individual e concreto dos delírios de R. Bovary: do próprio falseamento ‘de *s’* – a sua má-fé. Quer dizer, não se buscou conhecer por que R. Bovary se supõe sendo isto ou sendo aquilo; por que seu delírio homossexual não consumado na prática, mas imaginado no profundo da vida psíquica; por que um personagem histórico negado na objetividade e assumido no imaginado criado ‘por *s’*’; por que ele nega o ‘outro’ que é ele mesmo; o que ele fez com o que fizeram dele, etc. (SARTRE, 1997; 2002).

Quando o diagnóstico vem com uma carapaça patológica, ignorando a História e a singularidade da época do indivíduo, não pode haver fidedignidade.

Vocês não sabem, mas antes de R. Bovary peregrinar por consultórios médicos e antes do uso dos muitos medicamentos controlados, ele foi, na infância, levado e deixado sob os cuidados de uma Rezadeira. Ele foi hóspede daquela mulher mística de poderes reconhecidos, o bastante, para fazer “calar” suas vozes internas de repercussões externas. O eu-criança de R. Bovary achou que valeria a pena o sacrifício de ser apartado, temporariamente, da família para viver com a velha Rezadeira do sertão*.

Ela me dava banho. [...] ela me chicoteava com [pausa curta] com uma planta chamada ‘Espada de São Jorge’ e um cinto dela que ela tinha um cordão que chama ‘cordão de São Francisco’, um cinto branco de [pausa curta] de tipo uma linha; então ela me dava surras, dizendo que tava expulsando alguma coisa do meu corpo. Ela fazia trabalhos e aí, aquela coisa... não adiantava, não adiantava nada que ela fazia! Então ela mesmo chegou pra minha família e falou: “[...] eu fiz tudo o que estava ao meu alcance.” Então, minha família ficou desesperada sem saber o que fazer. (BOVARY, R.)

Talvez, a Rezadeira fosse, nas imaginações férteis de R. Bovary, um arquétipo implicado com as mulheres Bruxas dos contos infantis; retratadas na velhice enrugada, na estranheza mal-assombrada e, finalmente, na veneração ao poder das plantas, ervas, folhas e chás. É possível que R. Bovary tenha se sentido parte de um conto-fantástico-ocultista, pois era, todo ele, tomado por invenções. A imaginação o dominava. Fabulação à parte, a estadia de R. Bovary com a velha Xamã era uma crença-aflitiva (por ser a última promessa) depositada nos rituais e feitiços e magias que prometiam trazer o bem e obter a bênção pela manifestação do secreto e do escondido. As vozes ressoadas em R. Bovary, acreditava sua família, era um fenômeno inexplicável empiricamente; era algo do sobrenatural (MATHER; NICHOLS, 2000).

* No romance *Torto arado* (2019), escrito pelo geógrafo Itamar Vieira Junior, é possível identificar tal religiosidade presente na cotidianidade de uma família de trabalhadores rurais descendentes de escravos, vivendo no sertão baiano. A lírica encarnada nos apresenta a figura de Zeca Chapéu Grande, pai das protagonistas-narradoras. Ele era o curador/rezador com a missão de ajudar as pessoas “desvairadas” daquela região. Essas pessoas chegavam, sempre levadas por familiares, para ser internadas na pequena casa: “Não eram hóspedes, visitas ou convidados. Eram pessoas desconectadas de seu eu, desconhecidas de parentes e de si. Eram pessoas com encosto ruim [...]. Eram famílias que depositavam suas esperanças nos poderes de Zeca Chapéu Grande [...]” (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 33).

A família buscava nas entidades suprassensíveis a explicação para a agressividade do menino que era, até então, gentil e dócil, mas foi cooptado por um vozeiral “monstruoso” e “inadequado”. R. Bovary, por outro lado, também guardava a fé na virtude metafísica como uma alternativa, algo próximo à saída-de-socorro, o acesso direto à “cura” dos desejos “invertidos”. O efeito da fé foi, nessa ocasião, frustrado e a legião de vozes estrangeiras não foi expurgada do corpo-hospedeiro. A “turbulência” continuou sendo percebida, fazendo-o se sentir mal na própria pele. Foi preciso, então, considerar um outro tipo de credulidade. A desilusão levou-os, a família e o próprio R. Bovary, a cultuar os grandes ‘ídolos explicativos’ da ciência moderna. Se o misticismo e a religiosidade não tinham honrado a promessa da “cura”, então,

converteram-se ao *Bezerro de ouro* da tradição psicopatológica: a psiquiatria e a psicologia; por ventura, tais “ídolos”, os reconduziriam à cura-prometida (DANIEL-ANGE, 1995; SARTRE, 1997; 2002).

Há nos dois atos de fé a má-fé. As crenças são forjadas com o propósito de (auto)persuadir-se. Evidentemente, não estou negando a verdade transcendental e nem a verdade científica; não se trata disso. Estou enfatizando a busca, no primeiro momento, por explicação e depois por solução – a “cura”. A conjugação do verbo ‘buscar’ é um ato de fé que é, neste caso, a má-fé. A “doença” de R. Bovary tem uma origem – o estupro (eu não tratei desse episódio aqui, mas, R. Bovary foi estuprado por um homem-adulto quando era criança). Essa *falta original* não é assumida, explico melhor: os familiares não assumem os sinais que R. Bovary emite (silêncio, melancolia, depressão, enclausuramento, agressão...). O próprio R. Bovary não assume a angústia de se saber gostando das investidas sexuais dos colegas da rua; a angústia de se descobrir “diferente” na homossexualidade e de ter sido estuprado pelo adulto. Ao encobrir a angústia na má-fé, nega-se a consciência e a liberdade situada, inclusive, do adulto que desferiu o golpe-original-e-fatal. A boa-fé em procurar ajuda na crença espiritual e profissional ocasionou o projeto de fuga – quem dele fez parte não usou de mentira cínica, mas pressupõe o uso da má-fé, pois se tentou “[...] fugir do que não se pode fugir, fugir do que se é.” (SARTRE, 1997, p. 118).

Até aqui, sabe-se que R. Bovary na busca pelas causas, explicações e remédios ao seu “Mal-estar”, procurava, no final das contas, o sentido de vida. Não por acaso os meios requeridos (espiritual ou psicopatológico) encaminharam-no para a sua interioridade – local e domínio da imaginação em estado “negativo”. O seu próprio espaço interior era (é) o lugar das experiências “pagãs” e “heréticas”: o seu tormento e o “inferno”. Se uma parte ‘de *sz*’ o fez pecar, deveria “cortá-la” e “lançá-la” fora. Diz o Evangelho de Mateus 5, 30 – é melhor perder uma parte do que ir todo para o “inferno”. A parte ‘de *sz*’ “mal-acabada” era hóspede-vívido do “subsolo”: sua subjetividade. A vergonha, o medo e o sofrimento domiciliavam as obscuridades ‘de *sz*’ desde a infância. Fizeram-lhe envergonhado do seu faz-de-conta. Fez-se “esquisito” e “impróprio”. R. Bovary, ao reagir com vergonha e medo perante suas fantasias, expos o limite tênue que pretende separar a experiência subjetiva ‘de *sz*’ da ação objetiva. A vergonha e o medo são, também, “proteções” impeditivas da consumação do seu faz-de-conta no mundo objetivo; confirmando, por assim dizer, a existência tangível do seu mundo interior, isto é: deixando de ser uma reles fantasia ou delírio. O seu ser-gay é real (HILLMAN, 1984; MATHER; NICHOLS, 2000; BÍBLIA, 2002).

R. Bovary entendeu, na adolescência, que a sua fantasia é ativa, pois, à maneira da personagem-artesã de Colasanti (2004), ele fabricava-e-tecia realidades que “embaraçam” imagem-e-ação... quero dizer: da fantasia surge a imaginação; da mutação das quimeras em recinto-habitado por entidades factuais com os quais é possível dialogar, negociar, exortar, sentir e tocar, afinal, são presenças inteligíveis. Assim, manifesta-se o ser-gay no interior de R. Bovary, assomando a crise e exasperando a pulsão de morte. A imaginação demanda muito espaço, mas aquele recinto (‘de *sz*’) foi, miseravelmente, reduzido. R. Bovary sabe que o seu

planejamento de vida tem pacto com a fantasia, imaginando-o em detalhes antes de escolhê-lo como parte da objetividade. Portanto, para “matar” o ser-gay, começaria por deixá-lo sem espaço no seu interior. Decretara o ser-gay *persona non grata* na interiorização ‘de *sz*’. Evadira-se. Levava até as últimas consequências o seu projeto de fuga que se realizaria, agora, sob a forma de truculência (HILLMAN, 1984).

O ser-gay precisava morrer! Porque é ele (o ser-gay) todo vivo. Tem ele (o ser-gay) o poder de todo um “inferno”. Não podia chegar à vida adulta condenado a arder-se no próprio “inferno”. Lutou com toda ferocidade pela vida. Contra a esmagadora perspectiva de que os seus “erros” poderiam nutrir aquele “inferno” esbraseante. Exigiu-se um rompimento devastador e definitivo: o ser-gay precisava morrer para que ele vivesse. Matá-lo abriria para outra acepção de ser. Ao se desviar dissimuladamente do eu-gay, tangenciava o ser-suicida. Era um ser-homicida em legítima defesa, logo, sem crime. Sem crime? Eis, o seu excludente de ilicitude. O ser-gay, o ‘outro’ nauseante, precisava morrer para que ele renascesse como novo. Sua liberdade para o homicídio/suicídio era justificável. Impunha-se o direito de sobreviver na morte ‘de *sz*’, a parte ‘de *sz*’ em perturbação. Seu primeiro suicídio/homicídio-subjetivo. Foi assim... “entre ‘eus’ quais sou?”, perguntou-se. Um ‘olho’ encarava-o (a masculinidade pretendida). Outro o vigiava (a religiosidade oblata). Outro o admoestava (a moralidade legalista). “Mate-o, encerre-o ‘em *sz* mesmo!’”, diziam-lhe (dizia-se). “Domina-o. Aniquila-o. Livra-se, ao menos de uma parte ‘de *sz*’”. Escolheu matar(-se) (SARTRE, 2002; LISPECTOR, 2009).

O que aconteceu?

Ele “trapaceara” a si próprio e a máscara (a Aparência) assumiu o controle. Ficou totalmente longe ‘de *sz*’ próprio. Como ele “atacou” o seu-feminino, perguntou-se: “que ‘homem’ ele tinha dentro ‘de *sz*?’”. Um criminoso-feminicida ‘de *sz*’? Ao matá-lo (matar-se) não conquistou mais espaço. Ele permaneceu restrito ao espaço subjetivo muito pequeno, estreito e claustrofóbico. O eu-adolescente acuado na “solitária” apinhada de ‘eus’. É bem verdade que R. Bovary chegou à vida adulta “preso” à imaginação e à realidade ainda mais asfíxiadoras, afinal, ele era a cena-do-crime e o próprio crime-e-criminoso ‘de *sz*’.

Finalmente...

“[...] a pessoa humana, uma vez lançada no mundo, tornar-se ‘invenção’ da própria pessoa humana [...]”.
(SOUZA, 2022b, p. 83, grifo do autor)

A família é confrontada no seu papel imprescindível na construção das identidades, pois é campo psíquico, simbólico, biológico e genético, é território de movimentação, significação e invenção do ser-negro rejeitado e negado. Portanto, as dinâmicas familiares, suas estruturas, experiências emocionais e intercâmbios familiares influenciam sobremaneira o processo da construção ‘de *sz*’ negrogay no sentido da emancipação

(ser) ou da interdição (não ser). Nesse viés, há na categoria híbrida negrogay relações internas entre as subjetividades, o contexto social, as experiências e as formas de subjugação que se igualam. Posto isso, o negrogay passa por uma relação persecutória entre as subjetividades, as identidades e o corpo, compondo, assim, as vicissitudes ‘de *sz*’ negrogay.

Referências

- ASSIS, Machado de. **Quincas Borba**. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1994. Disponível em: <http://machado.mec.gov.br/obra-completa-lista/itemlist/category/23-romance>. Acesso em: 15 jul. 2020.
- BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Tradução de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Tradução da Escola Bíblica de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002.
- BRIGHENTI, Zilma. **Consciência e Psiquismo**: uma investigação sobre a concepção de sujeito em Sartre. 2006. Dissertação (Mestrado) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.
- COLASANTI, Marina. **A moça tecelã**. São Paulo: Global Editora, 2004.
- D’ADESKY, Jacques. **Pluralismo étnico e multiculturalismo**: racismos e anti-racismos no Brasil. Rio de Janeiro: Pallas, 2009.
- DANIEL-ANGE, Frei. **Homossexual**: quem é você? Para onde você vai? São Paulo: Editora Ave Maria, 1995.
- DONATI, Pierpaolo. **Família no século XXI**: abordagem relacional. Tradução de João Carlos Petrini. São Paulo: Paulinas, 2008.
- DOSTOIÉVSKI, Fiódor. **Memórias do subsolo**. Tradução de Boris Schnaiderman. São Paulo: Ed. 34, 2000.
- DU BOIS, William Edward Burghardt. **As almas da gente negra**. Tradução de José Pereira da Costa. Porto Alegre, 1998. Disponível em: <https://afrocentricidade.files.wordpress.com/2016/04/as-almas-do-povo-negro-w-e-b-du-bois.pdf>. Acesso em: 15 set. 2020.
- FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.
- FLAUBERT, Gustave. **Madame Bovary**: costumes de província. Tradução de Fúlvia M. L. Moretto. São Paulo: Nova Alexandria, 2007.
- FLEXOR, Maria Helena Ochi. História da família no Brasil (parte II). *In*: BASTOS, Ana Cecília de Sousa *et al.* (Org.). **Família no Brasil**: recurso para a pessoa e sociedade. Curitiba: Juruá, 2015. p. 67-110.
- GOFFMAN, Erving. **Estigma**. Tradução de Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.
- HILLMAN, James. **Uma busca interior em psicologia e religião**. Tradução de Araceli Martins Elman. São Paulo: Paulus, 1984.
- IANNI, Octavio. A racialização do mundo. **Tempo Social - Revista de Sociologia da USP**, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 1-23, maio 1996. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ts/v8n1/0103-2070-ts-08-01-0001.pdf>. Acesso em: 15 set. 2020.

IRIART, Mirela Figueiredo; BASTOS, Ana Cecília de Sousa. Identidades narrativas: construindo sentidos na travessia da juventude. **Fractal, Revista de Psicologia**, v. 26, n. 1, p. 71-88, jan./abr. 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1984-02922014000100007>. Acesso em: 02 set. 2020.

LISPECTOR, Clarice. **A paixão segundo G.H.** Rio de Janeiro: Rocco, 2009.

MATHER, George A.; NICHOLS, Larry A. **Dicionário de Religiões, Crenças e Ocultismo**. Tradução de Josué Ribeiro. São Paulo: Editora Vida, 2000.

MUNANGA, Kabengele. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. *In: SEMINÁRIO NACIONAL RELAÇÕES RACIAIS E EDUCAÇÃO-PENESB*, 3., 2003, Rio de Janeiro. **Anais[...]**. Rio de Janeiro: [s. n.], 2004. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2014/04/Uma-abordagem-conceitual-das-nocoos-de-raca-racismo-dentidade-e-etnia.pdf>. Acesso em: 15 out. 2019.

ROUDINESCO, Élisabeth. **A família em desordem**. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2003.

SALGADO, João *et al.* *Self* dialógico: um convite a uma abordagem alternativa ao problema da identidade pessoal. **Revista Interações**, [S. l.], n. 6, p. 8-31, 2007. Disponível em: <https://revistas.rcaap.pt/interaccoes/article/view/333>. Acesso em: 02 set. 2020.

SARTRE, Jean-Paul. **O ser e o nada**: ensaio de ontologia fenomenológica. Tradução de Paulo Perdigão. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

SARTRE, Jean-Paul. **Saint Genet**: ator e mártir. Tradução de Lucy Magalhães. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

SOUZA, Antonio José de. Rubião Bovary: um negrogay situado na alteridade confundida. *In: FERRIZ, Jose Luis Sepulveda; CARRERA, Gilca; BASTOS, Ana Cecília de Sousa; RABINOVICH, Elaine (Orgs.). Horizontes de alteridade: sociedade, família e subjetividade*. Salvador: Editora EDUFBA, 2022a. p. 153-177.

SOUZA, Antonio José de. Tornar-se mulher-lésbica-idosa: reflexões a partir do Existencialismo. *In: SILVA, Fernanda Priscila Alves da; RABINOVICH, Elaine Pedreira; CARDOSO, Lorena Márcia Nascimento (Orgs.). Envelhecimento & Sexualidade*. Curitiba: Editora CRV, 2022b. p. 79-90.

SOUZA, Antonio José de; RABINOVICH, Elaine Pedreira. Bovary, noirgay. *In: CONGRÈS INTERNATIONAL DE L'ARIC*, 23., 2021, Nice-França. **Livret des résumés**. Nice-França: [s. n.], 2021a, p. 185. Disponível em: https://congresaric2021.sciencesconf.org/data/pages/Livret_des_resumes_actualise_le_3_octobre_1.pdf. Acesso em: 27 set. 2022.

SOUZA, Antonio José de; RABINOVICH, Elaine Pedreira. Rubião Bovary, o personagem negrogay sob perspectiva (auto)biográfica. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, [S. l.], v. 13, n. 37, p. 344-371, ago. 2021b. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/index.php/site/article/view/1179>. Acesso em: 26 set. 2022.

VIEIRA JUNIOR, Itamar. **Torto arado**. São Paulo: Todavia, 2019.

Informações do Artigo

Recebido em: 23/09/2022
Revisado em: 30/09/2022
Aceito em: 01/10/2022
Publicado em: 20/11/2022

Conflitos de Interesse: O autor declara não haver quaisquer conflitos de interesse referente a este artigo.

Como citar este artigo:

Souza A. J. de, (2022). Um negrogay lançado no sertão baiano: reflexões sobre a família e o existencialismo. **Revista Macambira**, 6(1), e061020.
<https://doi.org/10.35642/rm.v6i1.734>

Licença:



Este trabalho está licenciado sob uma Licença Internacional Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 4.0 International .

Article Information

Received on: 23/09/2022
Revised on: 30/09/2022
Accepted on: 01/10/2022
Published: 20/11/2022

Conflict of Interest: No reported.

How to cite this article:

Souza A. J. de, (2022). A blackgay released in the territory of Bahia: reflections on the family and existentialism. **Revista Macambira**, 6(1), e061020.
<https://doi.org/10.35642/rm.v6i1.734>

License:



This work is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 4.0 International License.